

A expansão da classe média

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS

PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO

Estudo do Banco Mundial assinala que, no horizonte dos próximos 30 anos, a classe média da população mundial passará de 430 milhões de indivíduos para 1, 1 bilhão de pessoas. Desse aumento, 90% terão sido observados nos países emergentes, muito especialmente China, Índia, Rússia e, não menos importante na citação, o Brasil.

Em nosso País, essa tendência está sendo observada por estudos recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV). Ambos estudos conjugam dados dos Censos Demográficos com informações colhidas através da Pesquisa Nacional Domiciliar por Amostra, a PNAD. No trabalho do IPEA, o foco está posto no indivíduo; no da FGV, no conjunto da família.

O estudo do IPEA observa o número de pessoas que atravessaram a linha da pobreza extrema, ao verificar que o número destas com salário inferior a meio salário mínimo caiu proporcionalmente, entre 2000 e 2008, de 35% para 24% da população total.

O da FGV, tendo como referência a faixa de renda familiar entre R\$ 1.061,00 e R\$ 4.591,00 para definir o ingresso na classe média, conclui que esta representava 44% da população em 2002 e representa, agora, 52%. Este aumento de oito pontos percentuais significa uma classe média composta por 100 milhões de brasileiros.

CONCEITO. Em estudos mais elaborados, o critério do salário ou da renda não seria suficiente para conclusões definitivas. Veja-se o caso do conceito de classe média. Vista do ângulo da renda familiar, no estudo da FGV, o ingresso na classe média é caracterizado por níveis de renda que, graças ao aumento do emprego e do trabalho autônomo, permitem a compra de bens duráveis de consumo, como a geladeira ou o aparelho de televisão. Mas é preciso levar em conta que a capacidade aquisitiva dessa faixa de renda foi, nestes últimos anos, ampliada por robusto aumento do crédito, com maior parcelamento das prestações, que passam a caber num número maior de bolsos. Em outras palavras, se o critério é o das coisas que a renda e a atividade formal permitem comprar, a outra face da moeda é o endividamento das famílias.

Geralmente, quando se faz referência à classe média o estrato é dividido em três segmentos; classe média baixa, classe média e classe média alta. Esta distinção é importante para assinalar que somente os indivíduos ou as famílias que estão nesse último segmento têm o que os economistas chamam de "um excedente de renda sobre despesa", ou seja, têm a capacidade de poupar. Somente a partir de certo nível de renda é que surge a opção entre consumir mais ou constituir reserva para o futuro.

Muito embora a inserção na classe média seja, no caso do estudo da FGV o critério da renda, não levando em conta outros valores e atributos que no plano sociológico permitem melhor defini-la, não resta dúvida que a combinação das duas pesquisas, a do IPEA sobre a linha da pobreza e a da FGV sobre a classe média, quantificam, de maneira inequívoca, os resultados de um período da vida nacional em que os programas sociais e o aumento da atividade na economia formal são as marcas desses novos tempos.

O reflexo dessas mudanças pode ser visto, nitidamente, no faturamento do comércio de bens e serviços, inclusive turismo, cuja expansão anual atingiu 9,6%, em 2007, em termos reais, com destaque para bens de consumo duráveis (+20,1%) e de não duráveis (6,3%). Em 2008, até o mês de outubro, o crescimento médio do comércio varejista ainda foi de 10,4%, começando a declinar, desde então, em função da queda nas vendas da indústria automobilística.